

FUGITIVOS

O pequeno David estava sentado a um cantinho e olhava, admirado, para tudo que acontecia naquela noite misteriosa. Lia, a irmã mais velha, tinha ido acordá-lo e ajudara-o a arranjar-se rapidamente e obrigara-o a vestir roupa sobre roupa. Ele perguntara para que era, mas Lia respondera, baixinho, que se calasse, que não fizesse perguntas, que fosse obediente, ao menos só naquela noite. Porquê?

— Porque é preciso. Vamos todos sair, vamos para longe... Está muito frio e a mãe disse que te vestisse toda a roupa que pudesse...

— Para quê, Lia? Assim, mal posso mexer-me... E para onde vamos nós, a esta hora? Eu estava a sonhar que o pai me tinha dado outro cavalo, aquele que vimos ontem na montra... Tenho sono... Para que vieste acordar-me? — e começou a rabujar e a esfregar os olhos com as mãozitas fechadas. A irmã aborreceu-se:

— Cala-te, David! Põe-te direito! Veste o casaco, vamos! Segura bem as mangas da camisola, assim, para não fugirem. Tenho tanta pressa! Meu Deus! Por que não compreendes tu a nossa pressa? Anda, vá! Que mau que tu és! Assim tenho que chamar a mãezinha... Deixa-me acabar de te vestir... Dou-te um chocolate amanhã, se estiveres agora com muito juízo...

Lia estava quase a chorar e as suas pequenas mãos procuravam, atrapalhadamente, abotoar todos os botões do fato do irmão. Depois, vestiu-lhe o sobretudo, mas já não pôde abotoá-lo por cima de toda aquela roupa. Deixou-o assim mesmo e disse-lhe que atasse os sapatos e pusesse o boné na cabeça e desapareceu, a correr.

O pequenito sentou-se a fazer o que ela lhe dissera, mas dificilmente conseguia chegar aos sapatos, porque o sobretudo o apertava imenso.

Como já estava bem desperto, começou a olhar para tudo.

No pequeno vestibulo estavam duas malas de viagem, ainda abertas mas completamente cheias, e mais três malas de mão, também já prontas, e alguns embrulhos grandes e outras pequenas coisas espalhadas pelo chão. Havia uma enorme desordem por toda a casa. A mãe andava apressadamente dum lado para o outro: abria armários, revolia gavetas, desarrumava coisas. Fazia tudo em silêncio e só, de vez em quando, dava uma ordem rápida à Lia, que corria a obedecer-lhe.

Estranhou que a irmã estivesse assim, tão obediente. A mãe costumava ralhar-lhe, também, por ela ser teimosa. Mas agora, não. Corria daqui para ali, sem ruído e parecia, até, querer adivinhar as ordens da mãe e a sua carinha estava afoqueada e os cabelos já lhe caíam para os olhos.

O pai também andava atarefado, no escritório. Trazia cartas e papéis e queimava-os no fogão. Depois voltava para o escritório... O menino foi atrás dele e ficou encostado à porta, a olhar. Reparou que o pai, que era sempre tão alegre, estava muito pálido e com uma expressão de sofrimento que David nunca lhe vira. Que teria acontecido? Teve vontade de ir beijá-lo e perguntar-lhe, mas ficou onde estava e o pai, quando passou, à pressa, ia tropeçando nele e mandou-o ir-se embora e sentar-se sossegadinho ao pé das malas:

— Vai, anda, e se estiveres lá quieto, dou-te amanhã um chocolate. Mas agora deixa o pai acabar este trabalho, porque não há tempo a perder!

A sua voz era meiga, mas grave e o menino sabia que lhe devia obedecer.

Estava muito admirado e começou a sentir medo. Estranhou, até, que todos lhe promettessem chocolates só para que ele se conservasse quieto e calado e aquela agitação, em que os mais velhos andavam, e aquele silêncio que envolvia a casa, maior susto lhe causavam. Àquela

hora, todos costumavam estar a dormir. Por que seria tudo aquilo?

Viu passar a irmã, junto dele, e agarrou-lhe o vestido:

— Lia, diz-me, para onde vamos? — mas ela sacudiu-lhe a mão e foi-se embora sem lhe responder.

Olhou para o fundo da casa e viu a mãe, que continuava de roda das gavetas. A luz batia-lhe em cheio e David pôde ver que grandes lágrimas corriam silenciosamente, pelo seu rosto suave e lindo. Teve, então, a certeza de que alguma coisa muito grave caíra sobre as suas vidas e sentiu-se muito pequenino e muito só, sem ninguém que o consolasse.

Bateram levemente à porta, com as pontas dos dedos. Ninguém ouviu. Tornaram a bater, devagarinho, e o menino levantou-se e foi abrir.

Ficou mais contente, por que era o avô. Mas ele vinha, também, com uma cara muito triste. Olhou para David e para todas as coisas que estavam no vestíbulo, sentou-se, pesadamente, numa cadeira e suspirou fundo, como se estivesse muito cansado. O menino encostou-se-lhe às pernas:

— Avôzinho, para onde vamos? — ele pegou-lhe ao colo, abraçou-o, beijou-lhe a cabeça e ficou calado. — Por que não me dizes, avôzinho? Já perguntei à Lia, mas ela não me respondeu. Já fui ter com o pai, mas ele mandou-me embora... Andam todos a correr e ninguém me dá atenção... Ninguém quer saber de mim, ninguém me diz nada... Que aconteceu, avôzinho? Tenho tanto medo...

O avô olhou-o, muito sério. Parecia que estava muito mais velho e que tinha a barba ainda mais branca. Depois falou baixinho só para ele ouvir, assim como costumava falar quando lhe contava histórias:

— Tu já és um homenzinho, meu filho, e já podes saber estas coisas... Temos que sair da cidade esta noite; não podemos continuar mais tempo aqui...

— Nunca mais voltaremos à nossa casa?

— Talvez não, David... Mas não chores, senão o avô nunca mais te conta nada e faz como a Lia e como o pai...

O avô diz-te estas coisas para tu saberes, para tu compreenderes. É melhor conhecer a verdade do que estar cheio de medo sem saber de quê, não é assim? — ele disse que sim, com a cabeça, e sentiu o seu pequeno coração estranhamente oprimido. A sua casa era o seu mundo. Para onde iria agora? Seria por isso que a mãezinha chorava? O avô continuava a olhá-lo, muito sério:

— Então, David, é preciso aprender a ser um homenzinho corajoso e forte! Não vês que o pai não chora, nem o avô?

— Mas porque é que temos de ir embora?

— Porque há homens maus, na nossa cidade, que nos querem prender...

— Mas nós não fizemos mal nenhum, pois não, avô?

— Não, meu filho, não fizemos, mas temos que fugir antes que nos prendam... Tu não podes compreender por que és muito pequenino... A Alemanha está dividida. Deste lado, onde nós vivemos, estão esses homens maus, que nos perseguem sem motivo, e nós agora vamos fugir para o outro lado da Alemanha, onde ninguém nos perseguirá, compreendes? Se conseguirmos fugir, a tempo, não nos prendem. Por isso todos andam com pressa, porque cada minuto que passa pode pôr em perigo a nossa liberdade, pode fazer-se tarde... Mas não chores, David! Deves estar, até, muito contente por que, se não fugíssemos, seríamos metidos em campos de concentração e talvez morressemos todos... Muitos já lá estão, porque não tiveram tempo ou não puderam fugir... Embora a nossa desgraça seja muito grande, somos, ainda assim, bem mais felizes do que eles...

O menino ficou a pensar, um instante.

— Então, se já não voltamos para a nossa casa, eu vou buscar os meus brinquedos, para levar...

— Não é possível, filho. Não vês tantos embrulhos e tantas malas? Como havemos de levar, também, os teus brinquedos?

David saltou do colo do avô:

— Mas eu não quero ir-me embora sem eles e sem o Bop. Eu gosto

muito do Bop e vou já buscá-lo, avôzinho!

Entretanto, a Lia apareceu, já pronta para sair. Trazia os olhos vermelhos e inchados de chorar:

— Avô! Peça à mãezinha que me deixe levar, ao menos, as minhas bonecas...

— Ó filha, tu não vês que nós não podemos levar tanta coisa? Não vês que a mãe, coitadinha, também deixa aqui tudo quanto tem, a sua casa e todos os objectos que lhe pertencem e que tanto estima? Apenas leva as coisas absolutamente indispensáveis, como roupas e pouco mais! Não vês que o pai também deixa tudo o que era seu e que tanto amava? Até os seus livros!... Que desgosto não terá ele de os não poder levar?! Tudo aqui fica, Lia! Tudo!

«Ainda bem que a avó já não é viva... Está a dormir o seu sono eterno... É feliz... se lá não forem perturbá-la... Já és crescidinha, minha filha, tens que compreender a situação! Não apoquentes, mais ainda a tua mãe com essas coisas...

A menina calou-se e ficou, de olhos no chão, envergonhada da sua própria fraqueza, mas as lágrimas continuavam a correr, devagarinho...

A mãe veio, já de casaco vestido, e começou a fechar as malas.

David voltou, lá de dentro, ajoujado com um enorme cavalo de pasta e uma grande bola de borracha. Pôs tudo no chão e foi, a correr buscar o resto das suas coisas. E trouxe três caixas de brinquedos e um monte de livros. Tornou a sair e tornou a voltar, agora com o Bop pela coleira.

A mãe acabara de fechar as malas e, quando se ergueu, olhou para ele e para os seus brinquedos. O seu rosto estava mortificado:

— Santo Deus! Quando é que se acabará tudo isto, quando? Para que foste buscar todas essas coisas, David? Vai arrumar tudo outra vez! Depois, a mãe compra-te outros brinquedos iguais...

— Prometes, mãezinha? Então, eu só levo o Bop!

— Ó filho, mas também não podemos levar o Bop! Ele é muito grande e já não cabe no carro! Não podemos levá-lo...

O menino abraçou-se ao pescoço do cão:

— Mas eu não quero deixar o Bop! Bop, querido Bop! O dono leva-te, sim, leva-te!

O avô aproximou-se docemente e separou os dois amigos. David não protestou, mas começou a soluçar quando viu que ele levava o cão para o jardim. Gritou mais alto: — Bop, Bop!... Avô, Avôzinho!... Os homens maus vão matar o Bop! Não o deixes cá ficar! — e chorava desesperadamente, com a cabeça escondida no regaço da mãe.

O pai entrou para levar as malas. Ia e vinha, silencioso e apressado. Por fim disse: — Vamos! já está tudo arrumado!

O avô pegou nos dois embrulhos maiores, a mãe deu os outros mais pequenos à Lia e agarrou numa mala e noutros volumes miúdos. Olhou longamente para todas as coisas da casa em que sempre tinha vivido e que estava cheio de recordações. Sentiu que o seu coração ali ficava para sempre e as lágrimas tornaram a correr silenciosas, mudas como a sua própria dor... Depois perguntou, quase tão naturalmente como sempre que saía:

— As portas e as janelas estão bem fechadas?

— Estão, sim, mãezinha... — respondeu a menina.

— Para quê? — disse o avô — Já não voltamos mais...

Ficaram todos um momento, no meio da casa, presos na mesma angústia, esmagados pela mesma tragédia.

Foi o avô quem quebrou o silêncio. A sua voz era incerta e a pequena barba branca tremia ligeiramente: — Temos que nos ir embora... Dá cá a mão David, e não chores que ninguém fará mal ao Bop...

Foram todos para o automóvel, que os esperava à porta do jardim. O pai já lá estava e já tinha posto o motor a trabalhar. O avô sentou-se no banco de trás e Lia a seu lado. A mãe foi-lhes dando todos os embrulhos que estavam ainda cá fora, no chão. O resto do banco ficou cheio e o avô pegou nos maiores embrulhos e pô-los sobre os joelhos e sentaram David ao colo de

VÁRIAS NOTAS

O meu velho e querido amigo dr. Crispiniano da Fonseca, antigo Juiz de Investigação Criminal, ilustre parlamentar em várias legislaturas e actualmente um advogado muito distinto em Marco de Canavezes, escreve-me:

«Nem os anos, nem as duras provações da vida lograram ainda embotar em mim o ingénito espírito de revolta contra tudo o que representa uma flagrante injustiça ou manifesto contra-senso! Um grupo de portugueses, importante, não pelo número, mas pela elevada posição de alguns dos seus componentes, calcando aos pés a tradicional bondade e tolerância do nosso povo, julgando-se possivelmente em plena idade das trevas, alimenta desde há muito inexorável campanha contra os indivíduos da raça judaica, em geral, qualificando-os de raça maldita e insultando-os com o epíteto de comunistas e com outros de igual jaés! Por certo, ainda ninguém chamou a sua atenção para o caso, senão Você, dessa prestigiosa e popularíssima tribuna que é hoje a secção das «Várias Notas», tê-lo-ia já focado. Nenhum interesse moral ou material me liga aos israelitas, sendo certo que nenhum conheço pessoalmente; reprovo, porém, inteiramente aquela atitude, porque, além de injusta e descabida, a reputo inconveniente para as relações de boa paz e amizade que hoje, neste ponto crucial

da história da Humanidade, mais devem unir-nos. Ignoram os autores daquela campanha que muitas das mais gradas famílias do distrito de Bragança e da província da Beira Baixa, conhecidas pelas suas ideias conservadoras, se orgulham de ser muito próximos descendentes de judeus?! Ignoram os mesmos senhores que se ufanam de tradicionalistas que o glorioso Príncipe de Boa Memória, com um enxerto em castiça cepa judaica, criou uma das mais nobres famílias portuguesas?!

«Não são esses os visados» — dir-se-ão os teimosos e imprudentes detractores da raça semita! Mas então quais são? Certamente, não se pretende atingir com tais injúrias meia dúzia de distintas famílias hebraicas residentes em Lisboa e Porto, aliás bem conhecidas também pelas suas excelsas virtudes e sentimentos conservadores. A campanha será então contra os chamados judeus internacionais? Mas vejámos: é possível coerentemente, por hipótese alcinhar com intuitos manifestamente pejorativos, de mulato o mestiço residente em África, sem ferir igualmente o que reside na Metròpole?!...

Seria também uma afronta feita aos sentimentos cristãos do povo português dá-lo como solidário com as selváticas crueldades praticadas em milhões de judeus pelos nacionais-socialistas. Ninguém também acreditará que este

Lia. Mas ele começou a chorar mais alto: — Não quero ir ao teu colo! Não quero! Quero ir com o avôzinho! — e estendia os braços para ele. Deram os volumes à menina e o avô pegou, ternamente, no pequeno David.

A mãe, sempre agarrada à sua mala, sentou-se no banco da frente, ao lado do pai e fechou a porta com força. Chorava agora como uma criança...

O carro pôs-se em movimento e o menino espreitou pela janela:

— Bop! Bop! Adeus! — um latido respondeu-lhe do jardim. Depois do latido tornou-se num uivo doloroso, como um grito.

David disse adeus, com a mãozinha fora da janela, olhando sempre para a casa que se afastava. Quando deixou de a ver, encostou a cabeça ao peito do avô e continuou a chorar baixinho, enquanto rodavam rapidamente pelas ruas silenciosas e tristes...

HANID STELA

mesmo povo lusitano tão cioso na conservação e alindamento das suas igrejas, se haja regozijado com a profanação e destruição das sinagogas o que tanto divertiu os mesmos nazistas... Há atitudes que se não compreendem e eu confesso que esta é para mim uma das mais inexplicáveis! S. Santidade apiedou-se daqueles desgraçados, oferecendo-lhes auxílio e protecção: por sua vez, os comunistas, atrás da cortina de ferro, estão agora a procurar exterminá-los por todos os meios!... Querem-se-á entretanto, fazer renascer em Portugal a ancestral inveja pelos notáveis talentos e riqueza dos judeus? não sei: não compreendo nada!

No último Verão, quando na rua, cavaqueava num grupo de amigos, fomos abordados por uma religiosa, tipo de senhora distinta e inteligente, que nos pediu esmola para qualquer obra de beneficência. Dei-lhe o meu óbolo, e, depois, por gracejo, apontando para um dos circunstantes, disse-lhe: «Aquele não peça porque é judeu...»

Ah! sim! — respondeu prontamente a religiosa — pois deve dar o dobro dos senhores, visto ele ser da raça de Nosso Senhor Jesus Cristo e dos Santos Apóstolos!...»

Em conclusão: não atinjo as razões, nem a finalidade de tal campanha! Poderá Você elucidar-me?»

Como estou na cama com uma camada de icterícia que chega para uma casa de família, podemos conversar pacatamente, visto o meu médico me recomendar o máximo repouso...

*

* *

Também eu, meu caríssimo Crispiniano, nunca percebi a razão normal desta perseguição. Como V. sabe, hebreus, israelitas, judeus, é tudo uma e a mesma coisa. Mas veja e repare: ao princípio, eles eram apenas uma «gente de além do rio», mas logo se salientaram acima de todos os outros povos pela grandeza dos seus Patriarcas. Depois do dilúvio, surge Abraão, e eles orgulham-se de ser os «Bné-Israel»; os filhos

de Israel. Para firmarem melhor a sua hegemonia sobre os povos, criam uma aliança de Deus com Abraão, e logo um neto deste, Jacob, dá a esta raça privilegiada doze filhos que chefiaram mais tarde as 12 tribus de Israel. Veja o simbolismo dos números: mais tarde ainda, 12 haviam de ser também os Apóstolos de Jesus. No exílio nasce para o povo de Israel essa figura altíssima de Moisés, o grande condutor do povo Eleito; e aos 40 anos do deserto sináico até à visão a dois passos da Terra Prometida. Em tudo na vida há sempre um Josué que triunfa à sombra do trabalho alheio. Este Josué conquista-a vencendo os amorreus e os cananeus. Erguia-se o reino de Israel com as duas figuras curiosas e interessantes de Saúl e David. Como corucheu do poeta salmista deus-nos a raça esse maravilhoso Salomão, espécie de D. João V correcto e aumentado. Depois, o declínio até ao longo cativo e à destruição de Jerusalém.

*

* *

A seguir à tragédia do Calvário, os judeus dispersaram-se pelo mundo, constituíram-se errantes e vagabundos, mas só no século IV a partir de Constantino, se fizeram contra eles leis de excepção. Depois, vieram os ghettos, as judiarias, as matanças, o ódio. Isto tem necessariamente duas explicações: a primeira, quanto a mim, a maldição de milhares de consciências contra o povo deicida. Porque não sei se V. sabe, meu caro Crispiniano, que Cristo não era rãcicamente o que se podia chamar um judeu integral, pois descendia das primitivas tribus arianas que povoaram a zona marítima da Palestina. Foi esta a razão que levou Pôncio Pilatos ao dístico sangrento mandado afixar na cruz do suplício de Jesus Nazareno (e não de Nazaré, que nesse tempo não existia) Rei dos judeus. A segunda, a inveja de todo o mundo à privilegiada inteligência dos judeus, à sua união, à sua defesa rãcica e à sua fortuna. Esta também se explica: a Igreja proibia a usura. Os judeus tinham sobre eles inúmeras restrições, menos essa. Porque eram inte-

OS JUDEUS

e o descobrimento da América

Cinco Isabéis ornaram as páginas da História desde antigos tempos até os nossos dias. Duas pertencem ao «Flos Sanctorum» da igreja católica, em virtude das suas milagrosas acções: Isabel de Portugal e Isabel da Húngria. Duas pertencem à história da Inglaterra; Isabel I, — que reinou pelo terror e cujo nome permanece manchado pelo assassinato, à sua ordem, de Maria Stuart, rainha dos Escoceses, — e a actual Isabel II, elegante e formosa, de popularidade universal. Resta-nos contar a famosa Isabel de Aragão e Castela, dinâmica ruiva e magnética, sob cujo reinado a Espanha prosperou. Contra ela nem mesmo o rei de Portugal conseguiu satisfazer os seus desejos de conquista, pois derrotou os vinte mil arcabuzeiros e soldados de fortuna que o rei português contra ela tinha mandado.

Já o caminho marítimo para a Índia tinha sido aberto por Vasco da Gama e esta era nossa mercê das vitórias e conquistas alcançadas em Ormuz, Bombaim, Calicute, Madrastra e Bombaim (nomes históricos para nós, que são ao mesmo tempo a vergonhosa prova da nossa decadência, pois, além de nos ser roubada a posse desses lugares cantados por Camões, ainda tivemos de doar, como dote, a importante província de

Bombaim a Catarina de Bragança, quando esta casou com Carlos II, de Inglaterra). Parece que nesse tempo as mulheres pouco valor tinham para o matrimónio, pois mesmo as princesas de sangue real tinham de levar consigo dote para se casarem, e esta virtuosa e cristã princesa de Portugal, além dos seus valores morais, não só levou para a casa real de Inglaterra a rica porção da Índia, que era nossa, como também uma fortuna de cerca de 250 mil libras.

Em 1489, um marítimo de origem hebraica e portuguesa (a quem a história dá o nome fictício de Cristóvão Colombo, e ao mesmo tempo ilude os incautos dando-o como nascido em Génova, apresentou-se na corte de Espanha, pedindo audiência a Isabel, com o fim de a interessar na viagem que levaria à descoberta do caminho marítimo para a Índia, pelo Ocidente, depois de ter feito o mesmo pedido ao rei de Portugal. É claro que o último sorriu de tal projecto, uma vez que tal caminho já estava fixado e descoberto por Vasco da Gama. Aproveitando-se dos ciúmes que os reis de Espanha tinham do rei de Portugal e da inveja por este ser o promotor audacioso de tantas conquistas e tantas descobertas, Colombo conseguiu ser ouvido pela rainha e pelos cortesãos que ambicionavam nome ilustre e ao mesmo tempo meter as mãos nas riquezas que tal viagem havia de trazer das Índias.

Todavia, nesse tempo ser judeu era como ser comunista nos tempos de hoje, e Isabel não aprovou o projecto de Colombo sem obter a certeza de que este era bom e são católico baptizado, o que era fácil nesse tempo em que a Igreja ia às casas dos pobres judeus roubar-lhes as crianças para as fazer «católicas», sob pena de aniquilar as famílias e confiscar fortunas.

ligentes, deitaram-se à usura e fizeram-se banqueiros.

*
* *
*

Quanto à sua inteligência, julgo que não haverá ninguém com 5 gramas de miolo que negue aos judeus esta qualidade. São, de facto, hoje no mundo as pessoas mais inteligentes e que compõem o verdadeiro escol mental.

P. F.

MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portugueses desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

MEMÓRIA I

POR ANTÓNIO RIBEIRO DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 152)

Edições dos Profetas Primeiros - Também foram impressos os Profetas Primeiros, isto é, *Josué, os Juizes e os Reis com a Parafrase Caldaica e os Comentários de David Kimchi*, e de *R. Levi Gerson* (Wolfio, e Le Long só fazem menção do Comentário de Kimchi, e não do de Gerson, nem de Parafrase Caldaica; e o zeloso e erudito autor das *Memórias do Ministério do Púlpito* impressos em 1776 nas notas ao § XIV pág. 118 do *Appendix da Oratória Sagrada*, só se refere o Comentário de Gerson, seguindo a Marchand; vê-se pelo Catálogo da Biblioteca Parisiense, em que se descreve a parte desta edição, que contém os Livros dos Reis, que nela vinha a *Parafrase Caldaica*, e ambos os Comentários de Kimchi e de Gerson. Na *Bibl. Real de Paris* só há esta parte do Exemplar, que traz os Livros dos Reis *Catálogo* pág. 19) em Leiria em fol. 1494 (Marchand faz memória desta edição *Histor. de l'Imprimerie* art. I pág. 88) *Mat-taire*. (Ann. *Tipogr.* Tom. IV pág. 530, 570) e Wolfio (*Bibliot. Hebr.* tom. I pág. 201 e tom. II pág. 956), Rossi conserva um exemplar e é quase o único, que tem o ano da sua impressão, e diz que é das antigas edições de maior estimação; dela faz menção no *Aparato Hebreo Bíblico*, pág. 54 na obra *da Origem da Tipografia Hebraica*, pág. 54 no *Aparato à Bibl. March.* pág. 30 e no *Specimem variar. Lection. Sacri Textus Pontif. Codic.* pág. 41).

Edição da Bibl. Hebr. - Houve também por estes tempos uma edição da *Bíblia*

Hebraica, de que se não sabe ao certo o ano, nem o lugar da sua impressão; parece que foi feita em Lisboa, e esta é a tradição dos mesmos Judeus (os Judeus a dão por impressa em Lisboa, como atesta Hermanno van de Wall, e este testemunho deve prevalecer contra a suspeita, que tem Rossi de haver sido impressa em Loncino. Le Long fala de uma *Bíblia Hebraica* antiga do Século XV com pontos e assentos em fol. também sem era, nem nota de lugar, e diz que viu um exemplar em Paris no Museu de M. Beittier; acaso seria esta mesma edição de que falamos. Hermanno Van de Vall, viu outro exemplar de um Judeu de Amesterdão. São três os exemplares de que temos notícia, os dois de Paris do Museu de Beittier, e de Amesterdão, de que temos falado, e outro, que Zacarias Pádua Judeu de Mântua havia dado a Rossi, que dele fala na *Origem da Tipografia Hebraica* pág. 63).

Continua

Solenidades em 1955

Purim - 8 de Março
 Páscoa - 7 de Abril
 Shabuoth - 27 de Maio
 9 de Ab - 28 de Julho
 Rosh Hashanah - 17 de Setembro
 Kipur - 26 de Setembro
 Sukoth - 1 de Outubro
 Hanukah - 10 de Dezembro